



CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21





 ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

HISTÓRIA AUGUSTA. Volume I – *Vidas de Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Lúcio Vero, Avídio Cássio e Cómodo.* Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão, Nuno Simões Rodrigues, Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos/Classica Digitalia Vniversitatis Conimbrigensis, 2011, 244 pp. ISBN 978-989-8281-87-6; ISBN Digital 978-989-8281-88-3

A colecção «Classica e Digitalia» dá com este volume início à publicação da obra conhecida, desde que o humanista Isaac Casaubon assim a designou em inícios do século XVII, como *Scriptores Historiae Augustae*, ou, em modo abreviado, *Historia Augusta*. Como o título dos manuscritos, *Vitae diuersorum principum ac tyrannorum*, deixa entrever, trata-se de um conjunto de biografias de imperadores romanos, legítimos (*Augusti*) ou usurpadores (*Tyranni*), bem como de alguns herdeiros (*Caesares*), abrangendo um período tão vasto como o que vai desde Adriano, que chegou ao poder em 117, até Numeriano e Carino, no ano 284-285. Bastará registar estas datas para de imediato nos apercebermos da importância da obra, sem que por um só momento nos detenhamos a pensar no seu valor como documento histórico avaliado segundo os padrões do que entendemos hoje por veracidade e rigor da informação, e muito menos nos preocupemos com o seu valor literário.

De facto, são muito escassas as fontes que possuímos para o conhecimento dos séculos II e III da nossa era e, por isso, retomando as palavras de Marguerite Yourcenar em *Sous Bénédicte d' Inventaire*, ela que confessadamente buscou na *Historia Augusta* tanto da matéria de que urdiu as suas extraordinárias *Mémoires d' Hadrien*, nenhum historiador da Antiguidade pode ignorar esta obra, pois nela, pese embora tratar-se de um texto inseguro e que muitos consideram um amontoado de patranhas, inegavelmente encontramos alguma aproximação dos factos, das circunstâncias e das figuras que as protagonizaram.

Quanto à questão do seu valor literário, tema sempre aludido ou debatido nas obras de especialidade, ninguém poderá dizer que aqui se encontra uma obra-prima da literatura latina. Mas também não nos podemos esquecer de que, assumidamente retomando o modo consagrado por Suetónio de escrever história, e concretamente de compor uma biografia, a *Historia Augusta* sofre com a comparação inevitável com um grande vulto literário de que, é evidente, sai largamente perdedor. Concederemos que a escrita não é rica, que a lógica de ordenação dos conteúdos nem sempre é firme, que o estilo cai muitas vezes numa vulgaridade pedestre, que abundam os coloquialismos, os tecnicismos, as repetições, as inco-

erências, os lugares-comuns, que há frases absolutamente arrevesadas, para não dizer pior, do ponto de vista sintáctico. Mas não podemos deixar de nos embrenharmos, talvez pela curiosidade que guia grande parte dos nossos gostos, nos meandros da vida dos imperadores, com os seus pormenores anedóticos, ou bizarros, ou mesmo escandalosos da sua vida e morte. Não podemos deixar de acompanhar e ler a decadência do grande império romano na própria sucessão de mexericos e trivialidades, ou no elenco das *uirtutes* e dos *uitia* imperiais em que o autor se detém a propósito daqueles que deveriam ser os grandes senhores do mundo romano. Não podemos senão discernir, na precedência que é dada ao espectáculo da vida privada dos *principes* e seus sequazes sobre a exposição da sua vida pública, em especial nos seus aspectos militares e políticos, um certo gosto decadente que anuncia também a necessidade de outros cânones literários e revela uma alteração de códigos de valor. Por isso, é difícil partilhar a opinião de quantos crêem e escrevem que a *Historia Augusta* é uma obra despicienda dentro da literatura latina.

Por tal motivo, congratulamo-nos com a edição deste primeiro volume que nos traz sete das trinta biografias que compõem a obra. Pode o leitor conhecer agora o que a *Historia Augusta* registou sobre Adriano, Élio, Antonino Pio, Marco Aurélio, Vero, Avídio Cássio e Cómodo. Bastará elencar estes nomes para que de imediato adivinhemos que a amostra se revela significativa, na medida em que engloba príncipes que o foram efectivamente e outros que apenas aspiraram a sê-lo, mas, acima de tudo, coloca príncipes «bons», modelo de sinal positivo, como Marco Aurélio ou Antonino Pio, a par de príncipes hediondos, paradigma de maldade, como Cómodo, numa forma de composição histórica a que Suetónio nos habituou. Os contrastes não se ficam por aqui, pois o autor da *HA* não deixa obviamente de explorar o facto de Cómodo ser filho de Marco Aurélio e, por isso, demonstrar que o regime da sucessão pela herança do sangue não é de modo algum garantia de que «tal pai, tal filho». Além do mais, e correndo o risco de uma digressão, o autor das biografias não perde a oportunidade, com esse contraste de carácter e comportamento entre pai e filho, de abrir espaço para veicular um dos seus episódios escabrosos, desta vez a propósito de Faustina, a mulher de Marco Aurélio, episódio que serve o duplo propósito de enlamear a figura feminina da imperatriz, como é usual na toada misógina com que as mulheres são desenhadas na obra, e de explicar geneticamente que ao imperador filósofo estóico tenha sucedido um monstro que se comprazia na arena e matava animais e homens indiferentemente. Leia-se o passo, para que se veja de que falamos quando dizemos que não é tempo perdido o dedicado à leitura desta obra. A tradução do passo, 19, 1-6, da *Vita* de Marco Aurélio, é de Cláudia Teixeira:

«Dizem alguns, e isso parece credível, que Cómodo Antonino, seu sucessor e filho, não tinha sido gerado por ele, mas que nascera de um adultério; e, apoiados no falatório do povo, tecem a seguinte historieta: um certo dia, Faustina, filha de Pio e mulher de Marco, tendo visto passar uns gladiadores, incendiou-se de amores por um deles e, ao padecer de uma prolongada doença, confessou ao marido essa paixão. Quando Marco relatou este facto aos Caldeus, eles foram de conselho que, depois de se dar a morte ao gladiador, Faustina tomasse banho com o seu sangue e, desse modo, se deitasse com o marido. Quando isso foi feito, dissolveu-se, na verdade, aquela paixão, mas Cómodo nasceu gladiador e não príncipe, pois, enquanto imperador, participou publicamente em cerca de mil combates de gladiadores, perante a vista do povo, como se dirá na sua vida. Na verdade, esta história é credível pelo facto de o filho de um príncipe tão venerável ter tido costumes que não teve nenhum lanista, nenhum actor, nenhum gladiador, enfim, nenhum homem formado pela junção de todas as desonras e de todos os crimes».

Do conjunto de biografias agora vindas a lume, há também uma característica que é possível de imediato verificar: a irregularidade das *Vitae*. É certo que todas elas procuram, em maior ou menor grau, ater-se ao esquema da exposição *per species* que não deixa de abordar aspectos como a origem familiar, a data e o local de nascimento, o currículo anterior à subida ao império ou à indigitação como herdeiro, o *cursus honorum*, os sinais premonitórios de ascensão, de desgraça, ou de morte, as viagens e as campanhas militares, os amores, os gostos, normais ou depravados, os desastres ocorridos no tempo da governação, os monumentos erigidos, os ditos célebres, enfim, todo um conjunto de aspectos que enformam um quadro ideológico bem definido e desenham uma grelha apertada de *uirtutes* vs. *uitia* que permite distinguir os imperadores ideais, ou quase ideais, dos maus ou muito maus, ou aferir do estatuto intermédio que é atribuído a alguns, como é especialmente o caso de Adriano que se afigura, no dizer de José Luís Brandão na introdução à obra, como «uma síntese de contrastes desconcertantes». Mas, do ponto de vista da construção das biografias, verifica-se efectivamente uma certa irregularidade que se traduz numa maior ou menor preocupação, estilística sobretudo, mas também de organização e desenvolvimento de conteúdos. Assim, temos uma *Vita* de Adriano mais perfeita, outras, mais breves, menos cuidadas, mas nem sempre menos interessantes. A atenção ao pormenor é, porém, constante, com certo empenho na escolha de adjectivos e no acerto da escolha vocabular. Sirvam de exemplo tão-só dois passos da biografia de

Antonino Pio (2, 1-2 e 12, 4-8), na tradução de Nuno Simões Rodrigues. O primeiro descreve o imperador, num jogo de adjectivos apreciável:

«Foi um homem de figura notável, de natureza brilhante, costumes moderados, de nobreza, semblante calmo, carácter singular, eloquência florescente, com uma erudição especial, sóbrio, agricultor cuidadoso, plácido, generoso, mantendo a distância do que lhe era alheio, moderado em todas estas qualidades e sem jactância, louvável no resto e, na opinião dos virtuosos, digno de ser comparado a Numa Pompílio.»

O segundo, refere-se à sua morte, com evidência de pormenores:

«Antonino morreu aos setenta anos, mas foi chorado como se fosse ainda um adolescente. A sua morte conta-se do seguinte modo: tendo-se excedido a comer queijo dos Alpes ao jantar, vomitou durante a noite e, no outro dia, a febre tomou conta dele. Ao terceiro dia, vendo que a situação se agravava, confiou o bem público e a sua filha a Marco Antonino, na presença dos prefeitos, e ordenou que transferissem para os aposentos daquele a estátua áurea da Fortuna, que costumava estar no quarto dos príncipes. Depois, deu ao tribuno a senha «da moderação» e, voltando-se como se se preparasse para dormir, exalou o espírito em Lório. Enquanto delirava com febre, não falou senão do bem público e dos reis com quem se zangara. Deixou à filha o seu património privado. No entanto, no seu testamento, honrou todos os seus com legados adequados.»

Quanto ao respeito pelo léxico próprio das diferentes actividades, veja-se um exemplo relativo à gíria militar, chamando a atenção para a cópia de pormenores que a tradução, de José Luís Brandão, respeita. Trata-se de um passo da *Vita* de Adriano (10, 3-8), sobre as medidas que tomou para restaurar a disciplina militar: «[R]estaurou, de facto, a disciplina, que, depois de César Octaviano, andava periclitante por incúria dos príncipes anteriores. Depois de regular tanto os deveres como as despesas, jamais tolerou que alguém se ausentasse do acampamento sem justificação, ao mesmo tempo que não era o favor dos soldados, mas a justiça, a recomendar os tribunos. Exortava, além disso, os outros com o exemplo do seu valor, ao caminhar mesmo vinte mil passos armado; ao suprimir do acampamento os triclinios, os pórticos, as grutas e os jardins; ao adoptar frequentemente roupa da mais simples; ao usar um cinturão sem adornos de ouro; ao cingir-se com uma fivela sem pedras preciosas; ao envergar raramente uma espada que terminasse com punho de marfim; ao visitar os soldados doentes nos seus lugares de repouso; ao escolher o lugar para o acampamento; ao não atribuir a vergasta de vide senão a quem possuísse robustez e boa reputação; nem fazer tribunos senão homens de barba rija ou aqueles cuja idade satisfizesse a autoridade do cargo com prudência e maturidade; e ao não tolerar que

um tribuno aceitasse o que quer que fosse de um soldado; ao banir todas as volúpias onde quer que existissem; e, finalmente, ao melhorar as armas deles e o equipamento. No que toca à idade dos soldados, determinou que não vivesse no campo, contrariamente ao antigo uso, ninguém mais novo do que a coragem exigia ou mais velho do que a humanidade consentia; procurava sempre conhecê-los e saber o seu número».

Estamos em crer que os exemplos aduzidos são assaz eloquentes do trabalho sério e rigoroso de tradução que encontramos neste primeiro volume das *Vitae* da *Historia Augusta*. Para que conste, eis o nome dos tradutores e das biografias de que se ocuparam: as de Adriano e Cómodo, traduzidas por José Luís Brandão; as de Élio, Antonino Pio e Avidio Cássio, por Nuno Simões Rodrigues; e as de Marco Aurélio e Vero, por Cláudia Teixeira. Dissemos que estamos perante um trabalho sério e, para o provar, registamos apenas, também em jeito de advertência ao futuro leitor, que o escrúpulo vai ao ponto de não evitar repetições que o autor faz e para nós resultam inestéticas e penosas ao ouvido. Mas a verdade é que o texto latino as tem e os tradutores entenderam, acertadamente, que não lhes cabe a tarefa de emendar o original. Assim, para só dar um exemplo, quando, na *Vita* de Adriano, o passo 16, 9 é traduzido como «E ainda que ele próprio fosse o causador de muitos se retirarem ressentidos de junto dele, dizia que lhe custava muito ver alguém ressentido», não faltou a José Luís Brandão a imaginação e a desenvoltura lexical: é, sim, o autor da *Historia Augusta* quem repete o adjectivo *tristis*, ressentido.

Os tradutores acompanharam as biografias de um extenso conjunto de notas que fornecem esclarecimentos de carácter prosopográfico, topográfico, etnográfico e, de um modo mais amplo, cultural. O leitor menos apetrechado no conhecimento do mundo antigo pode assim abordar a obra sem receio. Quanto aos mais eruditos, permita-se a ironia de recordar que... *quod abundat non nocet*.

Além do índice, merece relevo, neste volume, uma introdução, de José Luís Brandão, que não é, não pretende, nem deveria ser exaustiva. Aborda todavia os principais problemas levantados pela *Historia Augusta*, como sejam os da datação da obra; da sua autoria (seis autores ou apenas um?); da ordem de redacção das biografias; das possíveis razões para que, entre o fim do *De uita Caesarum* de Suetónio com a biografia de Domiciano, e o início da *Historia Augusta*, com Adriano, haver um intervalo cronológico não contemplado, o dos principados de Nerva e de Trajano; do método historiográfico e da herança ou desvio de um modelo, Suetónio; da identificação das fontes; da falsificação dessas fontes e documentos ou da sua credibilidade; do género a que a obra pertence.

Neste último caso, o leitor é despertado para uma questão que pode resumir-se do seguinte modo: História ou ficção? Dessa alternativa nasce, por aproximação com o romance, a teoria de que poderemos olhar para a *Historia Augusta* como um documento da literatura didáctica escrita para uma época determinada, dirigida a um alvo específico e espelho da perspectiva senatorial. Faz, pois, todo o sentido que, após os aspectos gerais, a introdução se debruce sobre estas sete biografias em particular, interpretando a intencionalidade de certas referências nelas presentes.

Esperamos agora que não tarde muito o momento de podermos apreciar as restantes vinte e três biografias. Pessoalmente, aguardamos com especial curiosidade a leitura da vida de Heliogábalo, péssimo entre os péssimos, biografia que, como mandam as regras, vem seguida de uma que se ocupa de um imperador de boa estrela, Alexandre Severo. Também antecipamos conhecer em português o imperador natural de Leptis Magna, que nunca perdeu o sotaque africano, Septímio Severo, chefe que, em certos aspectos, deveria agradar em tempos como os de hoje, pois vestia barato, comia pouco e preferia os legumes que a sua pátria produzia, evitava a carne e bebia de quando em vez vinho, e, perante uma escassez de víveres, preocupou-se de tal maneira com que nada fosse desperdiçado que conseguiu que, à sua morte, o povo romano tivesse reservas para sete anos. Esperamos também por Zenóbia, cuja vida faz parte da biografia dos Trinta Usurpadores, mas que revela, mal disfarçada sobre a identificação com traços varonis de carácter, uma invencível admiração por essa mulher morena, de olhos negros luminosos e profundos, de extraordinária beleza e espírito corajoso e audaz.

Não faltará muito, é o que esperamos. Sem dúvida, quando os três tradutores chegarem às últimas palavras da *Historia Augusta*, senti-las-ão um pouco como suas, e com justiça o farão. Em tradução muito livre, recordemo-las:

«Recebe, meu amigo, este meu presente que, como disse repetidamente, trouxe à luz não pela sua eloquência, mas pela sua curiosidade, fazendo sobretudo com que, se alguém eloquente quisesse desvendar os feitos dos príncipes, não tenha de os procurar e os encontre nos meus livros como auxiliares do seu discurso. Peço-te, pois, que fiques contente e que compreendas que quis escrever o melhor que me foi possível.»¹

Cristina Pimentel

⁽¹⁾ Habe, mi amice, meum munus, quod ego, ut s<a>ep[a]e dixi, non eloquentiae causa sed curiositatis in lumen edidi, id praecipu[a]e agens, ut, si quis eloque<n>s vellet facta principum reserare, materiam non requireret, habitur<u>s meos libellos ministros eloquii. Te quaeso, sis contentus nosque sic voluisse scribere melius quam potuisset contendas. (*Vita Cari et Carini et Numeriani* 21, 1-2).